

São Paulo será o campo de batalha

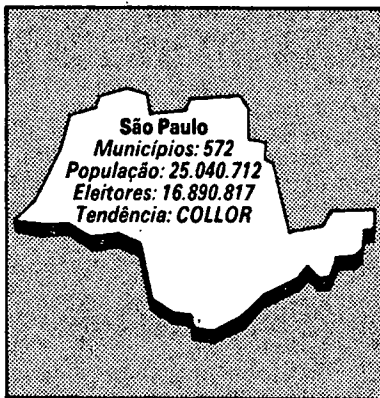
Voto de quase 17 milhões de eleitores paulistas pesará decisivamente no resultado das urnas

MOURA REIS

Dono do maior colégio eleitoral do País, o Estado de São Paulo, com quase 17 milhões de eleitores, segundo estimativas do TRE, deverá se transformar nos próximos meses no principal campo de batalha dos candidatos que confiam, esperam e desesperadamente precisam da queda do favorito Fernando Collor de Mello. Esta batalha ganha uma importância crucial na medida em que São Paulo é também a base eleitoral de cinco dos onze atuais pretendentes à Presidência da República.

Na análise de políticos e especialistas em campanhas eleitorais, pela posição de maior colégio e principal base de candidatos, São Paulo influirá decisivamente na sucessão presidencial. Acredita-se que o candidato que "emplacar" em São Paulo terá melhores condições de impor seu nome nos outros Estados. No sentido inverso, aqueles que não conseguirem simpatias do eleitorado paulista dificilmente reunirão condi-

ções para "decolar" nacionalmente. A aceitação desta análise determinou, por exemplo, a prioridade que o PMDB está dando à campanha de Ulysses Guimarães em São Paulo. A primeira concentração de lideranças partidárias, realizada sexta-feira no diretório regional paulista e o primeiro comício, ontem, em São José dos Cam-



pos, obedeceram a esta estratégia. Para o PMDB, o maior desafio de Ulysses deve ser vencido inicialmente em seu próprio Estado. As lideranças do partido contam com a influência do governador Orestes Quércia no interior mas, até o momento, ainda não encontraram a fórmula para impor o nome de Ulysses na capital, onde o parti-

do perdeu as quatro últimas eleições.

A esperança de consolidar sua base em São Paulo é também vivida pelo PDS de Paulo Maluf. Mesmo derrotado em 1986 para o governo do Estado e no ano passado para a Prefeitura da Capital, Maluf acha que é dono de cerca de 3,5 milhões de votos paulistas, suficientes, segundo seus partidários, para arrancar preciosos pontos de Fernando Collor de Mello.

No PSDB, apesar do fraco desempenho até agora de Mário Covas, os organizadores da campanha acreditam na repetição da avalanche de mais de oito milhões de votos que o elegeram senador, em 1986. O PT também confia na fidelidade do sindicalismo à candidatura de Lula. Do outro lado da moeda, o desânimo percebido no PL é debitado ao pouco entusiasmo que Afif Domingos despertou entre seus colegas do empresariado paulista.

Este tipo de análise que dá importância não apenas numérica a São Paulo, conduz a curiosa unanimidade: os políticos dos diversos partidos acreditam que Leonel Brizola continuará perdendo terreno, enquanto não fincar bases sólidas junto ao eleitorado paulista.